

PARA ALÉM DAS CARTOGRAFIAS DE GÊNERO

Yomara Feitosa Caetano Oliveira*

“Leituras em rede: gênero e preconceito”. Por seu título compreendemos a ousadia e sutileza desta obra.

Cristina Scheibe Wolff, Marlene de Fáveri e Tânia Regina Oliveira Ramos, autoras e organizadoras, contribuem de maneira significativa para as leituras do campo ao enfrentarem uma questão urgente: como tornar mais acessíveis as produções apresentadas no Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, de 2006? Evento que ocorre desde 1994 – considerado o momento-chave para a consolidação do campo de estudos das relações de gênero em Santa Catarina.¹ O presente livro produz sentidos nos(as) leitores(as) quando apresenta uma rede entre gênero, feminismo, história das mulheres, corpo e preconceito. Temas que foram “(re)visitados” por linguistas, sociólogas, antropólogas, historiadoras, psicólogas, educadoras e juristas, compondo o eixo de análise do livro, que por sua vez elabora cartografias sobre preconceitos.

Pensar a análise a partir do estabelecimento de redes corresponde a entender que a trama social pode ser lida “em rede”. Ou seja, o uso da metáfora – rede – é uma escolha das organizadoras para expressar um olhar horizontal sobre o tecido social, prática de organização constitutiva do movimento de mulheres. A metáfora rede ganha forma na própria sistematização da obra: cinco sessões, nomeadas de *interações*, *diálogos*, *encontros*, *interlocuções e debates*. Destarte, as redes não se compõem harmoniosamente e implicam, sempre, um contínuo encontro.

Os vinte e sete artigos apresentam propostas metodológicas e epistemológicas diversas, sendo produzidos por autoras conhecidas e reconhecidas nos seus campos de

* Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: yocaetano@hotmail.com.

¹ O Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, contou com mais de 3 mil pesquisadoras e pesquisadores, estudantes e interessad@s. Desta forma, esta obra contou com esforço de reorganização. Portanto, ocorreram novos deslocamentos de textos e falas com objetivo de novas aproximações de diálogos entre as autoras. WOLFF, Cristina S.; FÁVERI, Marlene de; RAMOS, Tânia R.de O. (Org.) **Leituras em rede: gênero e preconceito**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007, p.15.

estudos. Assim, a obra legitima os estudos de gênero, apresentando como esse campo permeia as mais diversas especialidades, o que permite inferir a urgência em analisar a composição das relações de gênero no mundo contemporâneo.

A crescente importância dos estudos das relações de gênero vem repercutindo para além dos muros acadêmicos. Como evidencia o artigo de abertura, escrito por Dominique Fougeyrollas-Schwebel, da *Université de Paris 7 Denis Diderot*, que abordou as violências contra as mulheres, [...] o poder público agiu com maior eficácia contra essas violências após o resultado da pesquisa apresentada pela autora.

O texto de Guita Grin Debert, antropóloga da UNICAMP, igualmente possibilita aos(as) leitor(as) refletir sobre as transformações nas delegacias das mulheres, no Brasil. Ainda, o artigo de Rúbia Abs da Cruz, advogada, problematiza parte do trabalho da Themis – Assessoria Jurídica e Estudos de Gênero. O texto de Jurema Brites, antropóloga da UFJF, apresenta uma pesquisa etnográfica sobre a vida cotidiana de mulheres de classes sociais distintas.

Em outro descontinuo, Fernanda Gil Lozano, historiadora da Universidade de Buenos Aires, problematizou como a imagem das mulheres e de suas famílias possuem vivências ambíguas, registradas na história das Mães da Praça de Maio, de 1977. Com a contribuição da historiadora da UFSC, Cristina Scheibe Wolff, problematizaram-se as operações militares que terminaram com a guerrilha do Araguaia, utilizando-se de relatos, memórias e textos produzidos na época. No artigo da historiadora da UFSC, Joana Maria Pedro, destacou-se o exílio como formação de redes internacionais.

Em outra perspectiva e temática, a historiadora da UDESC, Marlene de Fáveri, pesquisou o divórcio no Brasil e sua relação com a cultura católica, demonstrando que o divórcio não destituiu a família nuclear, mas sim reafirmou a existência de novos arranjos. O artigo [...] de Ellen Judd, antropóloga na *University of Manitoba*, Canadá, abordou a problemática da liberação das mulheres e a relação com o Estado, a partir da perspectiva etnográfica. A temática geracional abordada por Mara Coelho de Souza Lago investiu no campo da psicanálise e da narrativa ao abordar o preconceito que a velhice impõe nas relações sociais. Alda Britto da Motta, professora do programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UFBA, refletiu sobre o preconceito e a discriminação que se faz com base na negação da diferença. Em [...] “Estratégias de enfrentamento das discriminações geracionais através do *hip hop*”, Wivian Weller, professora da Faculdade de Educação da UNB, apresentou resultados do doutorado em sociologia pela Universidade Livre de Berlim (2002), tendo o jovem como um agente ativo do movimento Hip Hop nas cidades de São Paulo e Berlim.

Com outro referencial teórico, Zahidé Lupinacci Muzart, doutora em letras e professora da UFSC, analisou os manuscritos de Delminda Silveira. Uma leitura que encaminha o(a) leitor(a) sobre as diferenças entre sua obra poética e os seus escritos íntimos. O artigo de Tânia Regina Oliveira Ramos, “Se elas não falam, esbarram” estabelece a relação entre preconceito e linguagem, questionando se há um estereótipo “escritora”. Em[...] “Caro colega: exclusão lingüística e invisibilidade”, de Carmen Rosa Caldas-Coulthard, percebem-se os múltiplos estereótipos, sobre a marcação da escolha genérica masculina como intencional. Na pluralidade de temas, “Natureza e cultura, gênero e ciência na ficção científica”, [...] Lucia de La Roque, enfocando a ficção científica de autoria feminina, faz uma reflexão sobre as sociedades utópicas e distópicas. Outro artigo propõe um olhar crítico a partir do conto “a casa da Sra. Sen, de Jhumpa Lahiri”, considerando o espaço, o deslocamento, o tempo e o território. No tema imigração, o artigo “Aracy Moebius de Carvalho Tess e Maria Margarethe Bretel Levy, História de um Happy-end transatlântico” apresentou as narrativas de testemunhas da imigração de judeus para o Brasil no período da II guerra. Com a temática do corpo e sexualidade, a historiadora Roselane Neckel propõe um debate sobre a “ciência sexual moderna” das décadas 1960/1970. O texto, “Diversidade sexual humana”, focaliza a separação da sexualidade e a emergência da biomedicina e da psicologização; com perspectivas teóricas diversas, Berenice Bento, situou o corpo-sexuado ao construir a sua narrativa na desconstrução de “verdades” produzidas pelo saber médico e ciências psi. O artigo de Izabel F. O. Brandão representou o lugar do corpo como noção de fronteira do contemporâneo. Na última sessão, denominada *Debates*, Miriam Adelman propõe uma revisão das categorias clássicas do discurso sociológico que se relacionam com a teoria feminista e os estudos de gênero. O artigo de Simone Pereira Schmidt reportou-se à teoria literária ao propor nos versos da canção “Haiti”, de Caetano Veloso, a nossa condição híbrida. Aglika Stefanova pesquisou nas novelas latino-americanas uma abordagem da geografia da emigração. E[...] Carmen Rial debateu sobre as “cotas raciais” no Brasil. Por fim, também a educação foi debatida por Vânia Beatriz Monteiro da Silva, inferindo-se nesta a trama das desigualdades, ao reconhecer nas ações afirmativas um delimitador de privilégios. Por esse simples, mas não simplista panorama dos vinte e sete artigos, desbravou-se uma leitura inserida nos debates atuais do campo das relações de gênero e de suas cartografias. Em suma, os(as) leitores(as) podem ir além das cartografias de gênero e mergulhar nas diferentes leituras em rede.

